

**Título:** “*We are all on fire [...]*”: os primórdios da canonização da literatura medieval inglesa.

**Resumos (Abstracts):**

Tomando como ponto de partida a célebre confissão do Bispo Hurd em *Letters on Chivalry and Romance* (1762), o nosso texto procurará reflectir, enquadrando-os culturalmente, sobre os processos de (re)descoberta, reavaliação e revalorização setecentistas da literatura medieval, mercê das histórias literárias pioneiras de Hugh Blair (1718-1800), Thomas Warton (1728-1790) e do próprio Richard Hurd (1720-1808).

Inspired to some extent by Bishop Hurd’s famous remark in *Letters on Chivalry and Romance* (1762), our paper will focus on the cultural context behind the rediscovery and the re(e)valuation of medieval literature as pioneered by the literary histories of Hugh Blair (1718-1800), Thomas Warton (1728-1790) and Richard Hurd himself (1720-1808).

Miguel Alarcão (FCSH – UNL)

## **“We are all on fire [...]”: os primórdios da canonização da literatura medieval inglesa**

“And now it is all gone – like an unsubstantial pageant faded; and between us and the old English there lies a gulf of mystery which the prose of the historian will never adequately bridge. They cannot come to us, and our imagination can but feebly penetrate to them. Only among the aisles of the cathedral, only as we gaze upon their silent figures sleeping on their tombs, some faint conceptions float before us of what these men were when they were alive; and perhaps in the sound of church bells, that peculiar creation of mediaeval age, which falls upon the ear like the echo of a vanished world.” (James Anthony Froude, *History of England* (1856-1870), cit. por Peacock (ed.), 1905: 363).

Produzidas no terceiro quartel do século XIX, estas palavras de Froude (1818-1894), se, por um lado, focam algumas das limitações e mesmo a precaridade dos diálogos que a época vitoriana procurou manter com a Idade Média, por outro, testemunham colateralmente a sedução exercida pelo período medieval sobre o século da História, mas também, como veremos, sobre larga parte da centúria anterior.

Ao longo dos últimos anos, a comunidade anglicista portuguesa tem vindo a produzir estudos dando conta das manifestações setecentistas e oitocentistas de um medievalismo mais ou menos recorrente e assumido, conquanto difuso, que parecem contradizer ou esvaziar de sentido o cepticismo do historiador vitoriano.<sup>1</sup> Se é certo que tal fascínio por uma Idade Média organicamente inserida no processo da evolução histórica e susceptível de reconstituição, estudo e até recriação em variável grau de profundidade e rigor, indicia propósitos de apuramento de traços de “identidade,

---

<sup>1</sup> Conscientes de que a nomeação de alguns poderá significar o esquecimento involuntário de muitos outros, lembremos, homenageando-os, Luísa Leal de Faria (Carlyle), Iolanda Ramos (Ruskin), Dulce Melão (Scott e ainda Ruskin), Maria de Fátima Vieira (William Morris), Mário Raposo (Tennyson e a sobrevivência de códigos de conduta caval(h)eiros), Maria Teresa Malafaia (os Pré-Rafaelitas), Maria Leonor Machado de Sousa e Alcinda Pinheiro de Sousa (ficção gótica), para além das anglicistas que mais têm trabalhado a Idade Média propriamente dita: Júlia Dias Ferreira, Maria do Carmo Oliveira e Maria Angélica Varandas.

tradição e memória”,<sup>2</sup> o desprendimento e a superação graduais dos ferretes com que um certo “Século das Luzes” havia marcado, obscurecendo-a, a “Idade das Trevas” seriam acompanhados, em diferentes domínios do conhecimento, esferas de actividade e formas de sentir, por retrospecções nostálgicas e prospecções utópicas inspiradas pela Idade Média:<sup>3</sup> basta pensar-se, por exemplo, no revivalismo gótico de Batty Langley (1696-1751), James Wyatt (1746-1813) e A. Pugin (1812-1852) na arquitectura, pública e particular, secular e religiosa, na decoração de interiores e exteriores e na construção e inserção paisagística de pseudo-ruínas; na recuperação pictórica de textos, técnicas e temáticas anteriores ao Renascimento empreendida pelos Pré-Rafaelitas; na valorização das artes, dos ofícios e das manufacturas tradicionais pregada e praticada por John Ruskin (1819-1900), William Morris (1834-1896) e pelo *Arts and Crafts Movement*; na proposição de éticas e práticas de conduta cavaleirescas que actualizassem, sublimizando-os, ancestrais códigos de cavalaria; na revisitação de episódios e personagens históricos, lendários e míticos do passado nacional; nas concepções e representações, mais ou menos idealizadas, de uma Inglaterra pré-urbana, pré-industrial e pré-capitalista; na defesa de uma sociedade espiritualizada e patriarcal, com maior grau de interdependência e corresponsabilização, embora dotada de uma liderança forte e esclarecida, etc. Na impossibilidade de proceder aqui a uma exploração sistemática de todas estas facetas, centrar-nos-emos, abraçando o tema aglutinador proposto, nas condições culturais subjacentes e conducentes à reapreciação e valorização setecentistas da literatura medieval inglesa.

---

<sup>2</sup> Título do 1º Colóquio Interdisciplinar organizado pela FCSH (23-27 de Outubro de 1995).

<sup>3</sup> Como notam Legouis e Cazamian, “Imagination in its conception of the ideal world seeks what is fundamentally opposed to present realities; it finds its perfect realm in the fond resurrection of what has once existed; grandeur and beauty harmonize with the special charm that clings like an aroma to the quality of what has been.” (Legouis e Cazamian, 1948: 911).

A imprescindibilidade das contextualizações proporcionadas de modo privilegiado pelas ciências históricas leva-nos a aludir desde logo ao papel e à importância assumidos pelo antiquarianismo após a fundação, pelo arcebispo Matthew Parker (1504-1575), da Sociedade dos Antiquários (c.1573).<sup>4</sup> Nesta fase inaugural, a clarificação e consolidação da Reforma Anglicana explicam e justificam talvez o peso ocupado pela inventariação de monumentos e registos históricos, arqueológicos e literários que permitissem documentar e reconstituir a primitiva Igreja inglesa ou ‘saxónica’.

No século XVII, o coleccionismo, a transcrição e edição de textos manuscritos e impressos intensificam-se,<sup>5</sup> acompanhados a espaços pela reconhecida necessidade de estudos filológicos, lexicográficos e gramaticais.<sup>6</sup> Este século assistiria também aos primórdios do envolvimento das universidades de Cambridge, e sobretudo de Oxford,<sup>7</sup> nos estudos saxónicos (nomeadamente na área histórico-jurídica),<sup>8</sup> devendo sublinhar-se o facto de a figura do antiquário ser já objecto de caricaturas como a de John Earle (1601?-1665) em *Micro-Cosmographie*.<sup>9</sup>

---

<sup>4</sup> Patrocinada por Sir Robert Cotton (1571-1631), esta sociedade seria encerrada logo em 1603 por James I (1603-1625); a actual foi fundada em 1717-1718, devendo-se-lhe, desde 1770, a publicação de *Archaeologia*.

<sup>5</sup> Além do já citado Sir Robert Cotton, coleccionador de MSS como os *Lindisfarne Gospels*, *Beowulf*, *Pearl* e *Sir Gawain and the Green Knight* e cuja biblioteca seria destruída por um incêndio em 1731, lembremos John Selden (1584-1654), Sir Hans Sloane, Robert e Edward Harley, 1º e 2º condes de Oxford, respectivamente, ou William Oldys (1696-1761), editor de *Harleian Miscellany*.

<sup>6</sup> Em finais do século XVIII, o filólogo J. Horne Tooke (1736-1812), por exemplo, defenderá em *The Diversions of Purley* (1786 e 1798) o estudo do anglo-saxão, podendo nessa medida ser visto como um precursor de W. W. Skeat (1835-1912) e Henry Sweet (1845-1912).

<sup>7</sup> Criação por Sir Henry Spelman (1564?-1641) de uma disciplina de estudos saxónicos em Cambridge (1639-1640) e, a partir de 1795, de uma cátedra em Oxford, de acordo com as disposições testamentárias de Richard Rawlinson (1689?-1755).

<sup>8</sup> Por exemplo, a reconstituição e compilação de códigos das leis saxónicas, com destaque para as de Alfred (871-899) e Edward, *the Confessor* (1042-1066), sem falar, já no período angevino, da *Magna Carta* (1215), ou das investigações em torno da administração pública e da Lei Comum (*Common Law*).

<sup>9</sup> “He is a man strangely thrifty of time past [...] whence he fetches out many things when they are now all rotten and stinking. He is one that hath that unnatural disease to be enamoured of old age and wrinkles, and loves all things [...] the better for being mouldy and worm-eaten. He is of our religion, because we say it is most ancient; and yet a broken statue would almost make him an idolater. A great admirer he is of the rust of old monuments, and reads only those characters where time hath eaten out the letters. He will go you [sic] forty miles to see a Saint’s Well or ruined Abbey: and if there be but a Cross or stone foot-stool in the way, he’ll be considering it so long, till he forget his journey. [...] Beggars cozen him

Qualquer análise do contributo protagonizado pelos séculos XVII e XVIII teria forçosamente de contemplar um estudo dos fenómenos de constituição e doação de bibliotecas particulares, incluindo as colecções reunidas no Museu Britânico, fundado em 1759. A partir do século XIX, a proliferação de instituições públicas e privadas (bibliotecas, sociedades, academias e arquivos) receberia um importante impulso com a criação, logo em 1800, da *Record Commission*, a par da consagração curricular universitária dos estudos em antigo inglês, porventura animadas por uma filosofia educacional norteada por motivações e objectivos patrióticos, senão imperialistas.

No plano literário, cumpre destacar, pelo seu pioneirismo, a edição em 1655 do poema de Caedmon por Francis Junius (1589-1677) (Adams, 1917: 70); não obstante, como nota, em 1773, Daines Barrington (1727-1800), no prefácio à sua edição de *Orosius* da autoria de Alfred (871-899), “there are so few who concern themselves about Anglo-Saxon literature that I have printed the work chiefly for my own amusement, and that of a few antiquarian friends.” (*apud ibidem*: 106).<sup>10</sup> Adams corrobora esta situação, ao observar: “the Society of Antiquaries were too busy splitting hairs over inscriptions and coins and antiquarian novelties to further any serious editions of Old English texts.” (*ibidem*: 107). Impõe-se, pois, que ensaiemos algumas aproximações a tendências, problemas e constantes de uma “história literária” setecentista susceptível de reunir as vertentes da criação, da crítica, da teoria e da estética.

---

with musty things which they have raked from dunghills and he preserves their rags for precious relics. He loves no Library, but where there are more spiders' volumes than authors', and looks with great admiration on the antique work of cob-webs. Printed books he contemns as a novelty of this latter age; but a Manuscript he pores on everlastingly, especially if the cover be all moth-eaten, and the dust make [sic] a parenthesis between every syllable. [...] He never looks upon himself till he is gray haired, and then he is pleased with his own antiquity. His grave does not fright him, for he has been used to sepulchres, and he likes Death the better because it gathers him to his Fathers.” (Peacock (ed.), 1905: 75-76).

<sup>10</sup> Uma figura importante, embora já do séc. XIX, é Benjamin Thorpe, responsável pela edição, em 1830, de *Anglo-Saxon Grammar*, de Rask, pela tradução de Caedmon (1832), *Beowulf* (1855) e ainda pela edição de *The Anglo-Saxon Chronicle* (1861); *Beowulf*, recorde-se, fora já editado por J. Mitchell Kemble em 1833. Sobre os bibliógrafos dos séculos XVIII e XIX, cf. Sampson, 1941: 693-694.

Como escreve João Barrento, “a organização de qualquer história da literatura terá inevitavelmente de passar por um processo de selecção e valoração, e chegar à definição, sempre controversa, de um cânone.” (Barrento (org.), 1986: 25). Para a sua constituição e evolução concorrem não só, todos o sabemos, essa sempre indefinível “literariedade”, mas também oscilantes horizontes de expectativa e parâmetros de avaliação emitidos e divulgados pela crítica especializada, os circuitos de edição, promoção e distribuição e as apropriações (e rejeições) oficiais de autores e textos com diferentes fundamentos e finalidades. O nosso propósito é, assim, o de contribuir para uma caracterização das avaliações setecentistas da literatura medieval em termos da sua historicização e canonização literárias.

Uma linha de análise possível prende-se com a relativa indistinção ou aparente sinonímia semântico-conceptual entre “antigo”, “medieval” e “gótico” e a coexistência (ou co-ocorrência) das grafações *gothic/gothick*, sobretudo quando a inclusão do *k* final introduz ou reforça uma genuinidade duvidosa. Qualquer estudo aprofundado destas matérias deveria articulá-las não só com a própria evolução do antiquarianismo e a crescente exigência de critérios comprovativos de autenticidade, mas também, no que concerne à literatura, com as ‘falsificações’ de James Macpherson (1736-1796) <sup>11</sup> e

---

<sup>11</sup> *Fragments of Ancient Poetry, collected in the Highlands of Scotland* (1760), *Fingal* (1762) e *Temora* (1763), entusiasticamente louvados por Hugh Blair (1718-1800) em *A Critical Dissertation on the Poems of Ossian* (1763) nos seguintes termos: “[...] the most natural pictures of ancient manners are exhibited in the ancient poems of nations [...]. They promise some of the highest beauties of poetical writing. Irregular and unpolished we may expect the productions of uncultivated ages to be; but abounding, at the same time, with that enthusiasm, that vehemence and fire, which are the soul of poetry. For many circumstances of those times which we call barbarous, are favourable to the poetical spirit.” (*apud* Ashfield e De Bolla (eds.), 1998: 207). Esta ideia é retomada em *Lectures on Rhetoric and Belles Lettres* (1783): “It is, generally speaking, among the most ancient authors, that we are to look for the most striking instances of the sublime. I am inclined to think, that the early ages of the world, and the rude unimproved state of society, are peculiarly favourable to the strong emotions of sublimity. [...] In the progress of society, the genius and manners of men undergo a change more favourable to accuracy, than to strength or sublimity.” (Lecture IV, “The Sublime in Writing” in Blair, 1806: I, 69); “[...] if the advancing age of the world bring [sic] along with it more science and more refinement, there belong, however, to its earlier periods, more vigour, more fire, more enthusiasm of genius. [...] Among the Antients, we find higher conceptions, greater simplicity, more original fancy. Among the Moderns, sometimes more art and correctness, but feebler exertions of genius.” (Lecture XXXV, “Comparative Merit of the Antients and the Moderns – Historical Writing” in *ibidem*: III, 11); ou “It is no wonder [...]

Thomas Chatterton (1752-1770),<sup>12</sup> a criação e a voga da narrativa gótica e a frequente invenção ou evocação, como estratégia legitimadora, de autores, textos e personagens fictícios.

Não obstante as diferentes grafagens de *gothic*, a sua aplicabilidade à literatura, à história, arquitectura e história de arte<sup>13</sup> e aos estudos jurídico-constitucionais<sup>14</sup> poderia de igual modo originar reflexões sobre o frequente estabelecimento de analogias entre características estilístico-formais de obras literárias e arquitectónicas, como farão, por exemplo, Pope (1688-1744), no prefácio à sua edição de *The Works of Shakespeare* (1725),<sup>15</sup> John Hughes (1677-1720)<sup>16</sup> e Richard Hurd (1720-1808)<sup>17</sup> sobre *The Faerie*

---

that in the rude and artless strain of the first Poetry of all nations, we should often find somewhat that captivates and transports the mind. In after-ages, when Poetry became a regular art, studied for reputation and for gain, Authors began to affect what they did not feel. Composing coolly in their closets, they endeavoured to imitate passion, rather than to express it; they tried to force their imagination into raptures, or to supply the defect of native warmth, by those artificial ornaments which might give Composition a splendid appearance.” (Lecture XXXVIII, “[...] Origin and Progress of Poetry” in *ibidem*: III, 93).

<sup>12</sup> *The Rowley Poems* (1778 e 1782); recorde-se, a propósito, que Thomas Tyrwhitt (1730-1786), responsável, em *Poems supposed to have been written [...] by Thomas Rowley* (1777-1778), pela desmontagem da atribuição da autoria ao monge de Bristol, viria a editar *The Canterbury Tales* (1775-1778, 5 vols.) e a contribuir de forma decisiva para o estabelecimento das características métricas e prosódicas de Chaucer em *Essay on the Language and Versification of Chaucer*.

<sup>13</sup> “A Gothic cathedral raises ideas of grandeur in our minds, by its size, its height, its awful obscurity, its strength, its antiquity, and its durability.” (Lecture III, “Sublimity in Objects” in Blair, 1806: I, 59).

<sup>14</sup> Cf., por exemplo, o seguinte trecho, extraído de um ensaio publicado anonimamente em *Common Sense*, nº 150 (15.12.1739): “Methinks there was something respectable in those old hospitable *Gothick* Halls, hung round with the Helmets, Breast-Plates, and Swords of our Ancestors; I entered them with a Constitutional Sort of Reverence, and look’d upon those Arms with Gratitude, as the Terror of former Ministers, and the Check of Kings. Nay, I even imagin’d that I here saw some of those good Swords, that had procur’d the Confirmation of *Magna Carta*, and humbled *Spencers* and *Gavestons*. And when I see these thrown by, to make Way for some tawdry Gilding and Carving, I can’t help considering such an Alteration as ominous even to our Constitution. Our old *Gothick* Constitution had a noble Strength and Simplicity in it, which was well enough represented by the bold Arches, and the solid Pillars of the Edifices of those Days. And I have not observed that the modern Refinements in either have in the least added to their Strength and Solidity.” (*apud* Sambrook, 1983: 182).

<sup>15</sup> “[...] with all his [Shakespeare’s] faults [...], one may look upon his works, in comparison of those that are more finished and regular, as upon an ancient majestic piece of Gothic architecture, compared with a neat modern building: the latter is more elegant and glaring, but the former is more strong and more solemn. [...] It has much the greater variety, and much the nobler apartments; though we are often conducted to them by dark, odd, and uncouth passages.” (*apud* Simon, 1971: 188-189).

<sup>16</sup> “[...] to compare it therefore with the models of antiquity, would be like drawing a parallel between the Roman and the Gothic architecture. In the first there is doubtless a more natural grandeur and simplicity: in the latter, we find great mixtures of beauty and barbarism [...] and though the former is more majestic in the whole, the latter may be very surprising and agreeable in its parts.” (*Remarks on the Fairy Queen*, 1715, *apud ibidem*: 190-191).

<sup>17</sup> “When an architect examines a Gothic structure by Grecian rules, he finds nothing but deformity. But the Gothic architecture has its own rules, by which when it comes to be examined, it is seen to have its merit, as well as the Grecian. The question is not, which of the two is conducted in the simplest or truest

*Queene* e ainda Henry Home, Lord Kames (1696-1782), em *Elements of Criticism* (1762).<sup>18</sup>

Alguns dos autores favorecidos pela história literária setecentista acham-se já nomeados: Spenser (1552?-1599) e Shakespeare (1564?-1616), mas também Chaucer (c.1340-1400), louvado por Dryden no prefácio a *Fables Ancient and Modern* (1700), aos quais virá juntar-se, pela sua sublimidade, o Milton (1608-1674) de *Paradise Lost* (1667).<sup>19</sup> Quanto ao ensaio *Account of the Greatest English Poets* (1694), de Joseph Addison (1672-1719), Saintsbury avalia-o com alguma ironia:

“Before Cowley [Abraham Cowley, 1618-1667] nobody but Chaucer and Spenser is mentioned at all, and the mentions of these are simply grotesque. The lines convict Addison, almost beyond appeal, of being at the time utterly ignorant of English literary history up to 1600, and of having read Chaucer and Spenser themselves, if he had read them at all, with his eyes shut.” (Saintsbury, 1936: 171).<sup>20</sup>

Apesar destas palavras, Addison viria em larga medida a protagonizar o início de outra tendência que atravessa todo o século: a (re)descoberta, reavaliação e recolha da poesia tradicional,<sup>21</sup> que, independentemente da recitação ou fixação escrita, tenderá a

---

taste: but whether there be not sense and design in both, when scrutinized by the laws on which each is projected.

The same observation holds of the two sorts of poetry. Judge of the *Faerie Queene* by the classic models, and you are shocked with its disorder: consider it with an eye to its Gothic original, and you find it regular.” (Letter VIII *apud* Jones (ed.), 1930: 373-374).

<sup>18</sup> “[...] in a small building, the slightest irregularity is disagreeable; but in a magnificent palace, or a large gothic church, irregularities are less regarded: in an epic poem we pardon many negligences, which would be intolerable in a sonnet or epigram.” (*apud* Ashfield e De Bolla (eds.), 1998: 226).

<sup>19</sup> “In our own country, how many writings that were greatly extolled two or three centuries ago, are now fallen into entire disrepute and oblivion? [...] how very different is the taste of poetry which prevails in Great Britain now, from what prevailed there no longer ago than the reign of king Charles II [1660-1685] [...] when nothing was in vogue but an affected brilliancy of wit; when the simple majesty of Milton was overlooked, and *Paradise Lost* almost entirely unknown; when Cowley’s laboured and unnatural conceits were admired as the very quintessence of genius; [...]” (Lecture II, “Taste” in Blair, 1806: I, 29-30).

<sup>20</sup> Como nota ainda Saintsbury, “For more than two hundred years literary criticism had been insolently or ignorantly neglecting [...] the Middle Age [sic] – now with a tacit assumption that this period *ought* to be neglected now with an open and expressed scorn of it.” (*ibidem*: 246).

<sup>21</sup> Além do louvor addisoniano de *Chevy Chase* e *The Two Children in the Wood* (*The Spectator*, nos. 70 e 74 e 85, todos de 1711; no primeiro, Addison aludirá, ainda de forma depreciativa, a “[...] the Gothic manner in writing [...]”), cf. Ambrose Philips (1675?-1749?), *A Collection of Old Ballads* [...] (1723-1725, 3 vols.); Allan Ramsay (1686-1758), *The Evergreen* (1724) e *The Tea-Table Miscellany* (1724-



perfiar-se como núcleo residual de uma *vox populi* encarada, na linha de Herder (1744-1803), como portadora de um profundo, genuíno e imemorial *Volksgeist*. Paralelamente, a recuperação, não raro integrada no título, da figura do bardo, trovador ou menestrel,<sup>22</sup> viria também ela a introduzir contornos arcaicos ou medievalizantes nas (auto-)representações e (auto-)imagens do poeta.

Reportando-se ao início do século, escreve George Sampson: “What the eighteenth century found in medieval literature was not wild romance, but classic simplicity.” (Sampson, 1941: 534) e na verdade, entre as características das baladas antigas enaltecidas por Addison contam-se a simplicidade, espontaneidade ou naturalidade, a concisão, a ausência de elaborados artifícios retóricos, a grandeza épica e o alcance moral. As alterações epistemológicas e de sensibilidade ocorridas no decurso e a partir do século XVIII viriam descobrir outros predicados e introduzir novos parâmetros na avaliação e valorização da literatura medieval como a sua rudeza pitoresca e primitiva, a condição ruínosa ou lacunar, genuína ou não, de alguns desses textos ou a presença do elemento fantástico, maravilhoso ou sobrenatural capaz de, interpelando a imaginação, gerar no receptor respostas emocionais avessas ao paradigma racionalista implantado pela Revolução Científica e invectivado, entre outros, por William Blake (1757-1827).<sup>23</sup> Na sugestiva imagem de Novalis (1772-1801), “A ciência estava a transformar ‘a infinita música criadora do universo no monótono batimento de gigantesco moinho movido pela corrente do acaso e nela

---

1732); Thomas Percy (1729-1811), *Reliques of Ancient English Poetry* (1765; o mesmo Percy editara já *Five Pieces of Runic Poetry*, 1763); Thomas Evans (ed.), *Old Ballads, Historical and Narrative* (1777, 2 vols.); e Sir Walter Scott (1771-1832), *Minstrelsy of the Scottish Border* (1802-1803, 3 vols.).

<sup>22</sup> Além dos célebres versos “Hear the voice of the Bard! Who Present, Past & Future sees!” de William Blake (1757-1827), na introdução a *Songs of Experience* (1789-1794), lembremos, a título ilustrativo, *The Bard* (1757), de Thomas Gray (1716-1771); *Some Specimens of the Poetry of the Ancient Welsh Bards* (1764), do Revd. Evan Evans (1731-1789); *The Minstrel* (1771-1774, 2 vols.), de James Beattie (1735-1803); *The Lay of the Last Minstrel* (1805), de Scott; *The Mountain Bard* (1807) e *Forest Minstrel* (1810), de James Hogg, the ‘Ettrick Shepherd’ (1770-1835); e *English Bards and Scotch Reviewers* (1809), a resposta de Byron (1788-1824) à recensão desfavorável, da autoria de Francis Jeffrey (1773-1850), a *Hours of Idleness* (1807).

<sup>23</sup> Cf., por exemplo, o aforismo “Science is the tree of death” em *The Laocoon* (1820).

flutuando, o moinho, sem arquitecto e sem moleiro, a moer-se a si mesmo em bocados, na realidade um *perpetuum mobile*.” (apud Wimsatt e Brooks, 1980: 445). Daí que, como corolário de transformações decerto graduais e não totalmente conscientes, “the Middle Ages lived again as a period of faith, of picturesqueness, of simplicity, of pathos, of all that lacked in a century of rational lucidity, at the heart of which was growing the tedium, and even the disgust, of itself.” (Legouis e Cazamian, 1948: 912).

Todo este processo deixaria marcas na teorização e historicização literárias protagonizadas, na segunda metade do século XVIII, pelo teólogo Hugh Blair (1718-1800),<sup>24</sup> por Richard Hurd, bispo de Lichfield e Worcester (1720-1808)<sup>25</sup> e Thomas Warton (1728-1790), professor de literatura em Oxford.<sup>26</sup> Embora tanto as *Lectures* de Blair quanto as *Letters* de Hurd se enquadrem ainda em tradições e posturas normativo-prescritivas, parece-nos de salientar o facto de sobretudo Hurd ‘abrir a porta’ para o relativismo estético, ao defender não existir um único critério soberano e universal do (bom) gosto, bem como para a valorização da originalidade, do génio, da imaginação e do elemento sobrenatural<sup>27</sup> patentes, por exemplo, no recurso à expressão “enchanted ground”, já aplicada por Steele (1672-1729) a *The Travels of Sir John Mandeville*,<sup>28</sup> ou

---

<sup>24</sup> *Lectures on Rhetoric and Belles Lettres* (1783; reedição por H. F. Harding, 1965). A edição utilizada é a de 1806, disponível na Biblioteca Nacional sob a cota L 25926-8 P.

<sup>25</sup> *Letters on Chivalry and Romance* (1762; reedição por Edith J. Morley, 1911). Hurd é também o autor de *The Polite Arts: or, a dissertation on poetry, painting, music, etc.* (1749).

<sup>26</sup> *The History of English Poetry from the close of the eleventh to the commencement of the eighteenth century to which are prefixed [three] dissertations* (incompl., 1774-1781, 3 vols; reedição por D. Nichol Smith, 1929). A presumível influência do gosto literário e das tendências críticas contemporâneos de Warton levá-lo-iam a escrever *Observations on the Faerie Queene of Spenser* (1754; 2ª ed., 1762).

<sup>27</sup> “A poet, they say, must ‘follow Nature’; and by Nature we are to suppose can only be meant the known and experienced course of affairs in this world. Whereas the poet has a world of his own, where experience has less to do than consistent imagination.

He has, besides, a supernatural world to range in. He has Gods, and Faeries, and Witches at his command: [...] Thus in the poet’s world all is marvellous and extraordinary; [...]” (Letter X apud Needham, 1950: 114).

<sup>28</sup> “We are upon enchanted ground, my friend [...] the fancies of our modern bards are not only more gallant, but [...] more sublime, more terrible, more alarming, than those of the classic fablers. In a word, [...] the manners they paint, and the superstitions they adopt, are the more poetical for being Gothic.” (Letter VI apud Jones (ed.), 1930: 370). As palavras originais de Steele (“All is enchanted ground and fairy-land”) constam de *The Tatler*, nº 254 (1710).

no balanço que faz da Revolução Científica.<sup>29</sup> A propósito de alguns episódios fantasiosos de *Gierusalemme Liberata* (1574), de Tasso (1544-1595), Hurd, aliás, confessaria: “We are all on fire [...]” (Letter X).<sup>30</sup> Curiosamente, a lógica subjacente a esta incendiária conexão entre causas e efeitos reaparece em Maurice Morgann (1726-1802), ao afirmar: “[...] true poetry is magic, not Nature, an effect from causes hidden or unknown.” (*apud* Atkins, 1966: 360). Noutro passo das *Letters*, o mesmo Hurd interrogar-se-á:

“Os maiores génios do nosso país e de países estrangeiros, como Ariosto e Tasso, [...] Spenser e Milton, [...] até foram encantados pelos Romances Góticos. Seria isto capricho e absurdo por parte deles, ou não haverá no Romance Gótico qualquer peculiaridade agradável ao pensamento de um génio, e às finalidades da poesia, e não terão ido demasiado longe os filósofos modernos com o seu perpétuo desprezo e troça dele?” (Letter I *apud* Wimsatt e Brooks, 1980: 631).<sup>31</sup>

---

<sup>29</sup> “What we have gotten by this revolution [...] is a great deal of good sense. What we have lost, is a world of fine fabling.” (letter XII).

<sup>30</sup> Para uma melhor contextualização, transcreva-se: “[...] the fairy tales of Tasso do him more honour than what are called the more natural, that is, the classical parts of his poem. His imitations of the ancients [...] are faint and cold and almost insipid, when compared with his original fictions. We make a shift to run over the passages he has copied from Virgil. We are all on fire amidst the magical feats of Ismen, and the enchantments of Armida. [...] if it were not for these *lies* of Gothic invention, I should scarcely be disposed to give the *Gierusalemme Liberata* a second reading [...]” (Letter X *apud* Needham, 1950: 116). Confronte-se com a apreciação mais cautelosa de Hugh Blair, ainda refém de avaliações críticas medidas pelos barómetros da (im)probabilidade e (in)verosimilhança: “In general, that for which Tasso is most liable to censure, is a certain romantic vein, which runs through many of the adventures and incident of his Poem. The objects which he presents to us, are always great; but, sometimes, too remote from probability. [...] In apology, however, for Tasso, it may be said, that he is not more marvellous and romantic than either Homer or Virgil. All the difference is, that in the one we find the Romance of Paganism, in the other, that of Chivalry.” (Lecture XLIV, in Blair, 1806: III, 251-252).

<sup>31</sup> “There was displayed in them [the old romances] a new and very wonderful sort of world, hardly bearing any resemblance to the world in which we dwell. Not only knights setting forth to redress all manner of wrongs, but in every page, magicians, dragons, and giants, invulnerable men, winged horses, enchanted armour, and enchanted castles; adventures absolutely incredible, yet suited to the gross ignorance of these ages, and to the legends, and superstitious notions concerning magic and necromancy, which then prevailed. This merit they had, of being writings of the highly moral and heroic kind. Their knights were patterns, not of courage merely, but of religion, generosity, courtesy, and fidelity; and the heroines were no less distinguished for modesty, delicacy, and the utmost dignity of manners.” (Lecture XXXVII, “[...] Fictitious History” in Blair, 1806: III, 73); atente-se no destaque e na importância concedidos por Blair aos propósitos e efeitos didático-morais das narrativas de cavalaria.

Deixando de lado a história literária, talvez pioneira, projectada por Thomas Gray (1716-1771), <sup>32</sup> eis-nos chegados à *History of English Poetry*, de Warton, cuja importância, não obstante o carácter incompleto da obra, <sup>33</sup> transparece dos juízos formulados por George Saintsbury e J. W. H. Atkins:

“The good which the book must have done, is something difficult to realise [sic] but almost impossible to exaggerate. Now [...] the missing links were supplied, the hidden origins revealed, the Forbidden Country thrown open to exploration. [...] Instead of a millennium of illiteracy and barbarism, with nothing in it worth noticing at all but Chaucer and Spenser [...] century after century, from at least the thirteenth onward [...] was presented in regular [...] development, with abundant examples of [...] literary kinds, and a crowded bead-roll of poets, with specimens of their works.” (Saintsbury, 1936: 264-265).

“In recalling the literary achievements of the Middle Ages he [Warton] filled a yawning gap in literary history, provided material that enlarged the current conception of literature, and opened up new fields for critical adventure. And while [...] he prepared the way for future workers on those same fields, he also [...] gave fresh impetus to the new ‘romantic’ movement.” (Atkins, 1966: 215).

Embora, como vimos, a segunda metade do século XVIII tenha ‘apenas’ **começado** a romper com uma história literária prática e tradicionalmente limitada, mercê de uma concepção demasiado fluída da literatura ‘medieval’, a Chaucer, Spenser, Shakespeare e Milton, <sup>34</sup> destacaríamos, em síntese, a defesa embrionária (e não raro

---

<sup>32</sup> “[...] though his knowledge of Middle English before Chaucer was necessarily limited, yet he knew [...] Robert of Gloucester and Robert of Brunne, *The Owl and the Nightingale*, the early English life of St. Margaret, and the *Poema Morale*.” (Saintsbury, 1936: 254).

<sup>33</sup> Ao contrário do anunciado no título (cf. *supra*, nota 26), a *History*, já apresentada como “[...] just the kind of book a man does not finish [...]” (Watson, 1962: 107), termina no final da época isabelina. Poucos anos volvidos, viriam a lume outras obras marcantes no quadro da redescoberta histórico-literária do período medieval na transição dos séculos XVIII-XIX, designadamente as edições de George Ellis (1753-1815), *Specimens of the early English Poets* (1790) e *Specimens of early English Metrical Romances chiefly written during the early part of the fourteenth century; to which is prefixed an historical introduction* (1805), Sharon Turner (1768-1847), *History of the Anglo-Saxons from the earliest period to the Norman Conquest* (1799-1805) e *Literary History of the Middle Ages* (1814), curiosamente obra de um católico, Joseph Berington (1746-1827).

<sup>34</sup> Para uma melhor apreciação dos contributos protagonizados por Blair, Hurd e Warton, importa contextualizá-los, recorrendo uma vez mais, pelo sentido de equilíbrio e pela sua justeza, às palavras de Saintsbury: “It was indeed impossible that any man, without almost superhuman energy and industry, and

hesitante ou ambivalente) de princípios como a sua não avaliação através de modelos, regras e critérios clássicos, rigorosos e predefinidos;<sup>35</sup> o reconhecimento da necessidade de uma contextualização histórica de autores e obras; a adaptabilidade da crítica literária à literatura e não o contrário; e a legitimidade do prazer estético, não racional nem racionalmente explicável, por esta gerado.<sup>36</sup> Pautada por estes axiomas, a demanda setecentista de raízes literárias conduziria, curiosamente, a um rejuvenescimento do cânone através da velha literatura medieval.

Numa conferência proferida em 1941, aconselhava Lucien Febvre: “Il faut que l’histoire cesse de vous apparaître comme une nécropole endormie, où passent seules des ombres dépouillées de substance.” (*apud* Carvalho, 1985 : 72). Escassas décadas após os contributos pioneiros de Blair, Hurd e Warton, a poética recomendação do historiador seria profeticamente atendida por *Sir* Walter Scott (1771-1832), esse romancista que, de modo não menos inspirado, viria a aludir à Idade Média como “[...] a beautiful and fantastic piece of frostwork, which has dissolved in the beams of the sun.” (“Essay” cit. in Scott (ed. A. N. Wilson), 1986: xviii), reservando, porém, um lugar ao sol para a literatura histórica nas “novas histórias literárias” que o século XIX continuaria a escrever.

---

without a quite extraordinary share of learning, means, health, leisure, and long life, should have at that time informed himself with any thoroughness of the contents and chronological disposition of medieval literature. The documents were, to all but an infinitesimal extent, unpublished; in very few cases had even the slightest critical editing been bestowed on those that were in print; and the others lay in places far distant [...] from each other; for the most part catalogued very insufficiently, or not at all, and necessitating a huge expense of time and personal labour even to ascertain their existence.” (*ibidem*: 272).

<sup>35</sup> “There was no need of any *dislike* of the classics; but it must have been and it was felt that medieval [...] literature must be handed ‘*differently*’” (Saintsbury, 1936: 305).

<sup>36</sup> Cf., por exemplo, “It is not merely through a discovery of the understanding, or a deduction of argument, that the mind receives pleasure from a beautiful prospect or a fine poem. Such objects often strike us intuitively, and make a strong impression, when we are unable to assign the reasons of our being pleased.” (Lecture II, “Taste” in Blair, 1806: I, 18).

## REFERÊNCIAS DA BIBLIOGRAFIA SELECTIVA UTILIZADA

ADAMS, Eleanor N., *Old English Scholarship in England from 1566-1800*, New Haven, Yale University Press, “Yale Studies in English”, LV, MDCCCCXVII [1917].

ASHFIELD, Andrew e DE BOLLA, Peter (eds.), *The Sublime. A Reader in British Eighteenth-Century Aesthetic Theory*, Cambridge, Cambridge University Press, 1998 (1996).

ATKINS, J. W. H., *English Literary Criticism - 17th & 18th centuries*, London, Methuen & Co. Ltd, “University Paperbacks”, nº 175, 1966 (1951).

BARRENTO, João, “O regresso de Clio? – Situação e aporias da história literária” in *História Literária – Problemas e Perspectivas*, 2ª ed., Lisboa, Apáginastantas, “Materiais Críticos”, 1986, pp. 7-33.

BATESON, F. W. (ed.), *The Cambridge Bibliography of English Literature, 1660-1800*, Cambridge, Cambridge University Press, “The Cambridge Bibliography of English Literature”, vol. II, 1969.

BLAMIRE, Harry, *A History of Literary Criticism*, Basingstoke and London, The Macmillan Press Ltd., “Macmillan History of Literature”, 1991.

BOTTING, Fred, *Gothic*, London and New York, Routledge, “The New Critical Idiom”, 1996.

CARVALHO, Joaquim Barradas de, *Da História-Crónica à História-Ciência*, 6ª ed., Lisboa, Livros Horizonte, “Horizonte”, nº 16, 1985 (1972).

DYSON, H. V. D. e BUTT, John, *Augustans and Romantics, 1689-1830*, London, The Cresset Press, “Introductions to English Literature”, III, 1950 (1940).

JEFFERSON, D. W. (ed.), *Eighteenth-Century Prose, 1700-1780*, Harmondsworth, Penguin Books Ltd., “The Pelican Book of English Prose”, nº 3, 1956.

JONES, Edmund D. (ed.), *English Critical Essays (Sixteenth, Seventeenth, and Eighteenth Centuries)*, London, Humphrey Milford/Oxford, Oxford University Press, “The World’s Classics”, CCXL, 1930 (1922).

LEGOUIS, Émile e CAZAMIAN, Louis, *A History of English Literature*, London, J. M. Dent & Sons Ltd., 1948 (1926-1927).

NEEDHAM, H. A., *Taste and Criticism in the Eighteenth Century. A Selection of Texts illustrating the Evolution of Taste and the Development of Critical Theory*, London, George G. Harrap & Co. Ltd., “Life, Literature and Thought Library”, 1952.

PEACOCK, W. (ed.), *English Prose from Mandeville to Ruskin*, London, Henry Frowde, "The World's Classics", 45, 1905 (1903).

SAINTSBURY, George, *A History of English Criticism being the English Chapters of A History of Criticism and Literary Taste in Europe*, Edinburgh and London, William Blackwood and Sons Ltd., MCMXXXVI [1936]

SAMBROOK, James, *The Eighteenth Century. The Intellectual and Cultural Context of English Literature, 1700-1789*, London and New York, Longman Group Ltd., "Longman Literature in English Series", 1989 (1986).

SAMPSON, George, *The Concise Cambridge History of English Literature*, Cambridge, at the University Press, 1941.

SCOTT, Sir Walter (ed. A. N. Wilson), *Ivanhoe*, Harmondsworth, Penguin Books, "Penguin Classics", 1986 (1819).

SIMON, Irène, *Neo-Classical Criticism, 1660-1800*, London, Edward Arnold Ltd., 1971.

WATSON, George, *The Literary Critics. A Study of English Descriptive Criticism*, Harmondsworth, Penguin Books Ltd., 1962.

WIMSATT JR., William K. e BROOKS, Cleanth, *Crítica Literária. Breve História*, 2ª ed., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, "Manuais Universitários", 1980 (*Literary Criticism: A Short History*, s. l., Alfred A. Knopf, Inc., 1957).